

SEIS POEMAS INÉDITOS DO BRASILEIRO

MANUEL DE MACEDO PEREIRA DE VASCONCELOS

FRANCISCO TOPA*

Além dos poetas maiores da chamada “plêiade mineira”, o Brasil viu nascer no século XVIII um número considerável de outros autores, quase todos ignorados pela história literária. Reconhecendo embora que o interesse estético das suas obras é muitas vezes menor, creio que o seu conhecimento e o seu estudo podem trazer dados importantes para a reconstituição do panorama literário luso-brasileiro do período em causa.

Manuel de Macedo Pereira de Vasconcelos é um desses autores esquecidos, apesar de ter alcançado na sua época alguma fama como orador sacro e como poeta. De acordo com Inocêncio Francisco da Silva¹ – que basicamente reproduz a

* Membro do Núcleo de Estudos Literários da FLUP.

¹ *Diccionario Bibliographico Portuguez*, vol. VI, Lisboa, Imprensa Nacional, p. 42.

informação de Barbosa Machado² –, Manuel de Macedo nasceu a 5 de Maio de 1726, no Sacramento. Vindo para Lisboa em data desconhecida, ordena-se presbítero e, a 2 de Fevereiro de 1747, toma a roupeta de S. Filipe de Neri, na Congregação do Oratório. Terá regido, durante algum tempo, uma cadeira de Retórica e Poética no hospício de N.^a Sr.^a das Necessidades. Em 1760 (ou 1761, segundo Teófilo Braga³), quando foram perseguidos alguns padres do Oratório, Macedo saiu da congregação para o estado de presbítero secular. Ainda segundo Inocêncio, é provável que tenha morrido depois de 1788.

Apesar da sua fama de pregador, Manuel de Macedo imprimiu apenas um sermão. O essencial da sua obra publicada é constituído por panegíricos e orações:

– *Elogio do P. Francisco Pedroso, da Congregação do Oratório, confessor do Rei Fidelissimo D. João V*, Lisboa, Regia Officina Silviana, 1752;

– *Elogio de João Frederico, Presbytero da Congregação do Oratorio de S. Filippe Nery*, Lisboa, Officina de Francisco Luis Ameno, 1755;

– *Oração Gratulatoria, que pela continuação da vida do Ill. e Excel. Senhor Conde de Oeyras, Ministro, e Secretario de Estado de Sua Magestade Fidelissima recitou na Igreja de Santa Joanna Manoel de Macedo Pereira Presbytero Secular. Dada á luz por Diogo José de Oliveira Ferreira e Cunha, Auditor da Artilharia da Corte, Provincia, e Extremadura*, Lisboa, Officina de José da Silva Nazareth, 1769;

– *Elogio Funebre que nas exequias consagradas pelos Irmãos da Irmandade do Santissimo Sacramento da freguesia da Pena à memória do Fidalgo Fernão Martins Freire de Andrada e Castro, seu Juis perpetuo recitou no dia 24 de Julho de 1771 Manoel de Macedo Pereira de Vasconcellos, dedicado ao Sr. Bernardino Freire de Andrada e Castro*, Lisboa, Officina de Francisco Borges de Sousa, 1771;

² *Bibliotheca Lusitana*, vol. IV, Lisboa, Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, 1769, pp. 220-221.

³ *A Arcadia Lusitana – Garção, Quita, Figueiredo, Diniz*, Porto, Livraria Chardron, 1899, p. 222.

- *Panegyrico, que ao muito alto, muito poderoso Rei Fidelissimo o Sr. D. Pedro III consagra no dia dos seus annos*, Lisboa, Officina de João Antonio da Silva, 1777;
- *Sermão verdadeiro no desaggravo do sacramento; prégado na presença de Suas Magestades e Altezas, na real capella de N. S. d’Ajuda em 1779. Dado á luz por Simão Torrezão Coelho*, Lisboa, Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1791.

No domínio da poesia, deu ao prelo apenas uma ode:

- *Collocando-se a Estatua Equestre do Augustissimo Rey D. José o Magananimio no dia felicissimo dos seus annos. Ode*, s/l., s/impr., s/d. [1775].

Já depois da sua morte, foi publicada uma epístola que dirigiu a António Dinis da Cruz e Silva: começada pelo verso *Dinis, meu bom Dinis, da vil lisonja*, saiu no vol. IV das *Poesias* de Elpino⁴. Viriam ainda a lume mais cinco poemas, relativos à sua participação na fase da Guerra dos Poetas conhecida por *Zamperineida*, em que Macedo se destacou como principal panegirista da cantora italiana Anna Zamperini, que esteve em Lisboa entre 1770 e 1774:

- A ode *Formosa Zamperina*, transcrita numa «Biographia» do autor do Sacramento que José Maria da Costa e Silva publicou n’*O Ramallete*⁵ e que voltaria a sair na *Zampeineida*⁶ de Alberto Pimentel;
- O soneto *Não, tu não necessitas de enfeitar-te*, incluído na *Zamperineida* (p. 81);
- A sátira *Donde nasce que todos indulgentes*, editada n’*O Ramallete* (n.º 294-295) e na antologia de Alberto Pimentel (pp. 160-166);
- O soneto *Que doçura! que bella melodia!*, publicado por Teófilo Braga em *A Arcadia Lusitana* (p. 356), mas anónimo na *Zamperineida* (p. 60);

⁴ Na recente edição das *Obras de António Dinis da Cruz e Silva* (introdução, fixação de texto e notas de Maria Luísa Malaquias Urbano, Lisboa, Edições Colibri) vem no vol. II, pp. 266-268 (2001).

⁵ 3.ª série, 6.º ano, n.ºs 293-297, 12 de Outubro a 9 de Novembro de 1843. O poema foi publicado no n.º 293, pp. 315-316.

⁶ *Zamperineida* – *Segundo um manuscrito da Bibliotheca Nacional de Lisboa*, Lisboa, Livraria Central de Gomes de Carvalho, editor, 1917, pp. 49-51.

– O soneto *Peralvilhos infames, que esquecidos*, editado pelo historiador açoriano (p. 357) e anónimo na recolha de Pimentel (p. 127).

Aos sete poemas já conhecidos, venho agora acrescentar seis inéditos, transmitidos basicamente por dois códices da Biblioteca Nacional de Lisboa contemporâneos do autor.

O primeiro é o 8610, que apresenta o seguinte título: «Collecção/ de/ Sonetos,/ que se não achão/ impressos, extra=/ hidos dos ms./ antigos, e/ moder/ nos/ 1786.». Esta miscelânea inclui quatro sonetos atribuídos ao “Macedo” ou ao “P.^o Macedo”:

- *Raivozo contra mim Amor hum dia*, p. 53;
- *Tão docemente tem de vos cantado*, p. 54;
- *Ah não julgues por teu constante peito*, p. 55;
- *Torna doirada Idade, a Monarchia*, p. 264. Este último soneto figura também – com variantes – na p. 12 do Ms. 2,1,18 da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, atribuído ao “P.^o Macedo”.

O segundo é o códice 11491, intitulado «Obras Poeticas/ Recopiladas do Entuziasmo/ de/ Varios Engenhos modernos./ Lisboa/ =1773=». Este manuscrito apresenta dois poemas do “P.^o Manoel de Macedo”:

- A ode *Quando a saudade intensa*, pp. 147-152;
- O romance *Sim, he justo Snôr, eu o confesso*, pp. 273-278.

Num breve comentário a este conjunto de textos, nota-se a utilização de motivos e de formas comuns no período arcádico. Domina a temática amorosa, presente na ode e em três dos sonetos, mas está também contemplada a dimensão celebrativa da poesia num texto dedicado ao 2.^o Duque de Lafões, a propósito da fundação da Academia Real das Ciências, em 1779. Temos ainda um romance em decassílabos sobre o terramoto de 1755, apresentado como uma punição divina e marcado por um tom de contrição.

Parece-me claro que os seis novos textos de Manuel de Macedo não permitem rever o seu estatuto de poeta menor, incontornável desde logo pela escassez da

obra. Creio contudo que fica pelo menos esbatido o ridículo que lhe veio da participação no episódio da *Zampernieida*, ao mesmo tempo que se esboça o perfil de um autor capaz de experimentar com alguma habilidade registos diversos da poesia da época.

Terminada esta rápida apresentação, editarei de seguida os poemas em causa, de acordo com as normas que tenho vindo a seguir para a publicação de textos deste período⁷.

⁷ Ver, por exemplo, *Poesia Dispersa e Inédita do Setecentista Brasileiro Francisco José de Sales*, Porto, Edição do Autor, 2001, pp. 43-51.

1. Ode *Quando a saudade intensa*

Testemunho manuscrito: BNL, cod. 1141, pp. 147-152

Ode

Quando a saudade intensa
O peito deixará de atormentar-me?
Gentil, gentil presença
Da minha Órmina? Quando para dar-me
5 Algum alívio ao coração saudoso,
Te lograrei gostoso?

Não há breve momento
Que n'alma te não veja retratada;
Tu do meu pensamento
10 Um instante não vives separada;
A mágoa inconsolável de não ver-te
Quem poderá dizer-te?

Nunca pelo Horizonte
A frouxa luz da Aurora se derrama
15 Que eu no vale ou no monte
Aonde me conduz de Amor a chama
Não esteja o teu Nome articulando
Com um suspiro brando.

«Órmina, bela Órmina»;
20 É esta a doce voz que sempre soa;
Gostosa esta campina,
A ver-me vem, a consolar-me voa;
A piedade te mova o extremo dano
Do teu fiel Lemano.

25 Se viras como eu ando,
Pálido transportado tristemente,
Os ares atroando
Com os ais que desta alma arranco ausente,
Que terna comoção te não faria?
30 Qual tua dor seria?

Que as Ninfas, que os Pastores,
De prazer inundando os verdes Prados,
Ornem de frescas flores,
Um as testas, outros os cajados;
35 Nada me alegra, nada me dá gosto,
Se não vejo o teu Rosto.

Se o simples Passarinho
Alguma vez sucede estar pendente
Do rústico raminho,
40 Cantando ao som da plácida corrente;
Comigo digo: «Quem da bela Órmina

Ouvira a voz divina?»

Cervo que foi ferido
De agudo dardo, na calmosa sesta,
45 Pela mão sacudido
Do destro Caçador, que na Floresta
O esperava; com que ânsia não procura
Banhar-se n'água pura?

Maior é a impaciência
50 Com que notícias tuas sempre espero,
Para na dura ausência
Mitigar da saudade o rigor fero;
Não paro, não sossego, não descanso
Enquanto as não alcanço.

Ao tê-las, de que afectos
55 O terno coração possuído vejo?
Que suspiros discretos?
Que transportes? Que cândido desejo?
Ao peito as uno; de ternura choro;
60 A mão que as manda, adoro.

42. Ouvira] Ouvirá

42. Suponho que há gralha no original: a forma de futuro torna menos natural a crase, indispensável à regularidade métrica do verso. Além disso, o contexto semântico parece recomendar a forma de mais que perfeito.

Mas se triste acidente
Faz com que as não receba, perco o tino;
Fujo, fujo da gente;
Blasfemo, chamo injusto o meu destino;
65 Bela Órmina, não é, não é tão forte
A agonia da morte!

E não pede a justiça
Que de ver-me {a} ocasião me facilites?
Ah, não sejas remissa;
70 Deficuldades vãs não permedites;
Ao saudoso Lemano acode, acode;
Que quem quer, muito pode.

68. Esta supressão é imposta pela métrica. Mesmo assim, para que o verso possa ser lido como decas-silábico, é obrigatória a sinérese em *ocasião*.

2. Soneto *Raivoso contra mim Amor um dia*

Testemunho manuscrito: BNL, cod. 8610, p. 53

Soneto

Raivoso contra mim Amor um dia

A um robusto tronco me prendeu,
Ligou-me as mãos, o peito me rompeu
Com uma seta venenosa e fria.

5 Já da roxa ferida me corria
Tanto sangue, que a terra emudeceu,
Mas a nada o tirano se moveu,
Antes novos estragos me fazia.

10 Queixava-me eu da sua crueldade,
Quando uma Ninfa em tantas aflições
Me socorreu com mostras de piedade;

Desatou-me as aspérrimas prisões
E entendeu que me dava liberdade,
E preso me deixou noutras prisões.

3. Soneto *Tão docemente tem de vós cantado*

Testemunho manuscrito: BNL, cod. 8610, p. 54

Soneto

Tão docemente tem de vós cantado
Os cisnes suavíssimos do Tejo

Que às vezes de escutá-los, meu desejo
No mais vivo furor foi transportado.

5 Apenas tenho a lira temperado,
Vou a ferir a corda, ó Céus, que vejo?
Apolo, Apolo rindo; um justo pejo
Prende a mão, torna o som desafinado.

10 «Néscio mortal, suspende a voz impura;
Qual é o Deus ou Númen que t'inspira
A tão estranha e bárbara loucura?

«A fermosa, a belíssima Delmira,
O seu agrado, a sua formosura
Dinos somente são da minha lira.»

4. Soneto *Ah, não julgues por teu constante peito*

Testemunho manuscrito: BNL, cod. 8610, p. 55

Soneto

Ah, não julgues por teu constante peito,
Por tua alma fiel, Dorindo honrado,
Que hás-de achar sempre firme e alumiado

O cego amor, a variar afeito.

5 Se teu afecto é pago e bem aceito,
 Vigia sempre, Amigo, acautelado;
 Que ele o piedoso peito tem varado
 A quem lhe deu abrigo e brando leito.

 Sucede ao Verão quente o Inverno frio,
10 As engelhadas rugas à beleza,
 Ao grave ciso tonto desvario;

 Se a Ciência da razão sofre incerteza,
 Qual será das paixões o desvario
 Se o Amor é paixão por natureza?

5. Romance *Sim, é justo, Senhor, eu o confesso*

Testemunho manuscrito: BNL, cod. 11491, pp. 273-278

Ao Terremoto do primeiro de Novembro de 1755

Romance

Sim, é justo, Senhor, eu o confesso;
Destruí, arrasai, matai, vingai-vos;

Uma Terra tão cheia de maldades
Não vejam vossos olhos puros, santos.

5 Que indignos são os Homens da piedade!
Fazeis-lhe benefícios, são ingratos;
Sofrei-los, os delitos acrescentam;
Vós paciente, os Homens tão contrários.

10 Por nós morreste[s]; nós vos ofendemos;
O sangue, vosso sangue, desprezámos;
A troco de fartar vis apetites,
Mais do que a um Deus, amamos um pecado.

15 Oh, cegueira! Oh, miséria! Oh, desatino!
Que sois Omnipotente confessamos;
Que sois Terrível, que vingais injúrias;
Porém temos valor para agravar-vos.

20 Usamos cada dia repetido
Em hórridos exemplos o ameaço;
Pendente o golpe, em nós tudo era medo;
Cessáveis, eram mais os desacertos.

Em vossos mesmos Templos, quantas vezes
Indo a pedir o pão quotidiano,
C'uma mão recebíamos a esmola,
Outra rasgava mais o santo Lado!

25 Roubos, calúnias, injustiças, mortes...
Mas eu, a repetir delitos tantos,
Ao dizer que o fizemos, me envergonho;
Vendo-se que o sofreste, cresce o agravo.

E não háveis de acudir zeloso
30 A culpas tais pronto castigo dando?
Pode um Deus tolerar tão vis ofensas?
Destruí, arrasai, matai, vingai-vos.

Mas que terrível foi aquele dia!
O sangue gela, embarga a voz o pranto!
35 Corre por estes membros froxo susto!
Sinto inda sobre mim o vosso Braço!

Que é daquela magnífica Cidade?
Aonde está Lisboa? Em vão cuidamos
Que tem duração longa humanas glórias;
40 Ontem Lisboa; hoje um campo raso!

Um súbito Tremor a Terra abala
Precedido de um rouco estrondo vago;
Ferve o Tejo; chama voraz se acende;
Cobre o Sol grossa nuvem de um ar pardo.

43. Este verso apresenta uma acentuação menos comum: (3)-5-(8)-10.

45 Mortal pavor ocupa ânimos fortes;
 Do Pobre a casa cai; cai o Palácio;
 Estalam pedras, montes se desfazem;
 Os vossos mesmos Templos arrasados.

 O Mar com fúria indómita arremete;
50 A cressa carneirada vem saltando;
 Caem altos muros; ao bater das ondas,
 De um sorvo engole a tantos Disgraçados!

 Todos a voz levantam, todos pedem
 Que lhe acudais em tão horrível caso,
55 Ao ver que da mirrada mão da Morte
 Seu curvo Ferro pende ensanguentado.

51. A métrica impõe a sinérese em *Caem*.

6. Soneto *Torna doirada Idade, a Monarquia*

Testemunhos manuscritos: BNL, 8610, p. 264 = A / BNRJ, 2, 1, 18, p. 12 = A₁

Versão de A

Soneto

À nova Academia Real das Ciências, sendo Presidente D. João de Bragança

Torna doirada Idade, a Monarquia
Desperta do letargo vergonhoso
Da ignorância rasgando o tenebroso
Véu que d'espessas nuvens a cobria.

5 Suas asas a cândida alegria
Dos bens patrícios sobre generoso
Coração, com anúncio venturoso
De rápidos progressos estendia.

10 De preciosos frutos coroada
Lísia aparecerá, a frente alçando,
Já das Nações polidas respeitada;

E carinhosa para o Duque olhando:
«Filho, dirá de gosto transportada,
É tua a glória de que estou gozando».

Leg. Real das Ciências] Real A_1

1. doirada Idade, a] de ouro a idade; e a A_1

Leg. D. João de Bragança – D. João Carlos de Bragança, 2.º Duque de Lafões, um dos fundadores da Academia Real das Ciências (criada pelo Aviso Régio de 24 de Dezembro de 1779) e seu primeiro Presidente.